

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**  
**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM SOCIOLOGIA POLITICA**

**A CIDADE DE CURITIBA E O PROJETO POLITICO DE INVISIBILIZAÇÃO DA  
POPULAÇÃO NEGRA.**

**POR:**

**JULIO CESAR GOMES SANTOS**

**CURITIBA**

**2013**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**  
**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM SOCIOLOGIA POLITICA**  
**JULIO CESAR GOMES SANTOS**

**A CIDADE DE CURITIBA E O PROJETO POLITICO DE INVISIBILIZAÇÃO DA  
POPULAÇÃO NEGRA.**

Monografia apresentada como pré-requisito para obtenção do título de Especialista em Sociologia Política, no curso de Especialização em Sociologia Política da Universidade Federal do Paraná.

Professor Orientador: Emerson Urizzi Cervi

**CURITIBA**

**2013**

## RESUMO

Este trabalho faz um breve resgate quanto as políticas públicas e do modelo urbanístico que contribuíram para invisibilização da população negra na cidade de Curitiba, embora ocultado por alguns autores, principalmente os que participavam do movimento Paranista, são descritos aqui fatos históricos e autores que afirmam não ter existido escravidão no Estado do Paraná e também em Curitiba. Cidade que foi durante um longo período “vendida” como modelo, com pessoas civilizadas, fazendo menção sempre a cultura e seus imigrantes europeus, e que desde sua fundação ocultou a presença de sua população negra, que conforme índices estatísticos apresentados neste trabalho, compõe uma parte significativa da população curitibana. Objetiva-se neste trabalho demonstrar que a construção da identidade paranaense, através do paranismo, bem como a criação do modelo urbanístico de cidade modelo e o projeto educacional municipal foram fundamentais para a percepção por parte da população curitibana de que não houve contribuição da população negra a formação identitária local.

**Palavras-chave: Invisibilização, População Negra, Políticas Públicas, Cidade de Curitiba.**

## LISTA DE TABELAS, GRAFICOS E QUADROS.

TABELA 1 - QUADRO REGISTRO CIVIL DA POPULAÇÃO ESCRAVA DA PROVÍNCIA DO PARANÁ, ANO 1880.....	11
TABELA 2 – QUADRO DA POPULAÇÃO NA PROVÍNCIA DO PARANÁ, DIVIDIDA EM ESCRAVOS E LIVRES, ANOS DE 1854,1858 E 1866. ....	12
TABELA 3 – QUADRO GERAL DA POPULAÇÃO NA PROVÍNCIA DO PARANÁ, DIVIDIDOS EM CATIVOS E LIVRES, ANO 1866.....	12
QUADRO 1 – CONTEÚDO SUBSTANTIVO DA HISTÓRIA DE CURITIBA INDICADO PELOS JOVENS.....	21
TABELA 4 – POPULAÇÃO SENSITÁRIA SEGUNDO COR/RAÇA – 2010 .....	25

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>6</b>
<b>1. A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE PARANAENSE: O MOVIMENTO PARANISMO. .....</b>	<b>8</b>
<b>2. CURITIBA A CAPITAL EUROPÉIA DO BRASIL.....</b>	<b>14</b>
2.1 CURITIBA: A CIDADE QUE SE VENDE.....	17
2.3 POLITICA EDUCACIONAL DE INVISIBILIZAÇÃO: <i>AS LIÇÕES CURITIBANAS.</i>	19
<b>3. REFLEXOS DA INVISIBILIZAÇÃO DO NEGRO NA MEMÓRIA DOS JOVENS CURITIBANOS .....</b>	<b>21</b>
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>26</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>28</b>

## INTRODUÇÃO

Com o objetivo de analisar o processo de invisibilização da população negra na Cidade de Curitiba, este trabalho apresenta políticas públicas que contribuíram com este processo, destacando-se as políticas urbanísticas da década de 1970 e a política na área de educação municipal nos de 1990. Para melhor compreender a participação do negro na história de Curitiba, apresenta-se, ainda, um breve resgate sobre a presença de escravos na cidade. Autores, como Otavio Ianni, Altiva Pilatti Balhana, Teresinha Regina Buseti Pardo, com base em documentos como jornais, legislações, relatórios, afirmam que em meados do século 19 a cidade de Curitiba era composta por mais de 44% de escravos, ou seja, quase a metade da sua população. Sabe-se que o tratamento dado aos escravizados e posteriormente à política governamental que põe fim ao processo escravagista, na prática não considerava a população negra como cidadã, sendo assim é natural o não reconhecimento das autoridades municipais, quanto participação destes no processo de formação da cidade. Quando analisadas as políticas públicas que disseminavam Curitiba como a Cidade-modelo, nota-se fortemente a afirmação da cultura europeia, da contribuição dos imigrantes europeus para com a construção da Cidade, vista facilmente nos tantos monumentos, parques, bosques, praças, espalhados pela cidade. Políticas educacionais dos anos 90, revisam obras de autores do movimento paranista, os quais afirmam que a presença de negros da cidade foi mínima, e que tinham como objetivo inicial criar uma identidade ao Estado do Paraná, pautada no ideal de um lugar diferente, onde não há negros uma sociedade superior, colonizada por europeus. Esse tipo de postura, não tem justificativa, pois há mais de um século a população negra faz parte vida social e cidadã do país. Estes deveriam ter seu papel na nossa sociedade reconhecido, principalmente porque outros povos e etnias vinham recebendo a merecida importância. Para compreender se realmente estas políticas interferiram na imagem, na lembrança que o cidadão curitibano possui quanto a construção de sua cidade, foram analisadas duas pesquisas, ambas realizadas com jovens da rede pública de ensino, que cursaram os anos iniciais na escola municipal de Curitiba. Com base nos resultados é possível verificar, se os jovens fazem menção em sua maioria aos imigrantes europeus como população, cultura, como

contribuição para construção da cidade, ou se os anos cursados no ensino municipal, conseguiram fixar na memória destes a presença da escravidão e do negro, tanto quanto a participação dos imigrantes.

## **1. A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE PARANAENSE: O MOVIMENTO PARANISMO.**

A fim de criar uma identidade paranaense, visto que desde 19 de dezembro de 1853, a província do Paraná separou-se de São Paulo, deixando de ser a 5ª Comarca Paulista. Na virada final do século XIX e início do século XX, o “Centro Paranista” iniciou suas atividades artísticas e literárias, estimulando a construção de um regionalismo que diferenciasse o Paraná dos demais estados da nação (FERREIRA e ROMANO, 2011). Pois, embora morando e exercendo suas atividades econômicas no Estado do Paraná os barões do café paulistas, continuavam conectados intensamente com sua região.

Neste sentido, símbolos e representações foram criados, a fim de estimular esta construção: A erva mate, o chimarrão, principalmente Araucária e o Pinhão, se tornaram marcas frequentes nas obras de artistas plásticos e arquitetos como: Guido Viaro, João Turin e De Bonna, Zaco Paraná, Lange de Morretes e João Ghelfi. Poemas e obras literárias de Romário Martins, Wilson Martins, Temístocles Linhares, enaltecem a presença de imigrantes europeus e seus descendentes que, “[...] por toda parte ai está construindo a Babel de todas as raças, irmanadas na mesma obra civilizadora, integrada no espírito novo, de cooperação e de fraternidade, com que marchamos para o futuro” (MARTINS, 1944, p.283). Posteriormente, o movimento Paranista passa também a valorizar a participação dos indígenas, que nas palavras de Romário Martins “é verdade incontestada que o sangue indígena que formou a nossa população fundamental é a seiva melhor do tronco adusto da nacionalidade”. (MARTINS, 1947, p.35). Nota-se que o movimento ao recuperar o índio, o faz de forma romântica colocando o bom “selvagem”, em um patamar colaborativo na evolução social desta terra e da nação brasileira.

Percebe-se que a orientação tomada pelo Movimento Paranista, visava criar uma identidade paranaense que fosse marcada pela pluralidade étnica- racial. Porém, “a crença em uma sociedade superior”, ideário aplicado a diversos estudos eugenistas, em voga entre os séculos XIX e XX, foi fundamental para que houvesse uma supervalorização dos grupos imigrantes europeus, no estado do Paraná, que em contra

partida sacramentaram a ausência da população negra neste processo, que como é sabido faz parte significativa da parcela populacional brasileira.

Assim como em grande parte do Brasil, houve escravidão no Paraná, porém, uma má interpretação ou intensão na leitura de dados referentes à escravidão no estado, por parte de historiadores paranistas, como Romário Martins (1952) e Wilson Martins (1999) e posteriormente Ruy Wachowicz (1995), indicam que esta foi mínima ou mesmo inexistente.

Como foi observado pelos sociólogos Pedro Rodolfo Bodê Moraes e Marcilene Garcia Souza, em análise da obra intitulada “Um Brasil diferente: Fenômenos de aculturação no Paraná”, Wilson Martins dedica todo um capítulo de sua obra para relatar que “Não houve escravatura no Paraná”, afirmando que no Paraná os imigrantes “não se misturava com o negro, existente em reduzidíssimo número em toda a província no decorrer de sua história, e por isso não chegou a invadir sexualmente os hábitos desses rústicos senhores primitivos” (MARTINS, 1989 apud MORAES e SOUZA, 1999, p. 10), conclui ainda que, o Paraná:

“[...] Território que, do ponto de vista sociológico, acrescentou ao Brasil um nova dimensão, a de uma civilização original construída com pedaços de todas as outras. Sem escravidão, sem negro, sem português e sem índio, dir-se-ia que sua definição humana não é brasileira.”

O maior entusiasta do movimento paranista Romário Martins, na análise de Décio Roberto Szvarça em “O Forjador: ruínas de um mito” percebe que em grande parte das obras de Martins, existe uma supervalorização da presença dos imigrantes europeus e também quase anulação a presença negra no estado. Em “História do Paraná” de Ruy Wachowicz um “Brasil mais Europeu” será a definição dada pelo autor ao seguir as rotas antes traçadas pelos escritores paranistas, efetivando assim a valorização da presença de imigrantes europeus e negando a participação negra no processo de desenvolvimento do estado. Não perceber ou invisibilizar na história e nas representações da cidade, bem como, nas comemorações oficiais a presença negra, pode ser entendido como uma forma de limpeza étnica cultural.

Quando a afirmação da inexistência de escravos no Paraná, em estudo coordenado por Florestan Fernandes sobre a integração do negro da sociedade de classes, Octavio IANNI (1962), dedica parte de sua obra “As metamorfoses do escravo”, a analisar como se deu o processo de escravidão no sul do país, e em alguns momentos cita o caso do Paraná e de Curitiba:

“São a maneira pela qual é aplicada a força de trabalho social e o modo de apropriação do produto desse trabalho que marcam essencialmente a sociedade, dando-lhe esta ou aquela configuração. É por isso que Curitiba deve ser tomada aqui como uma comunidade escravocrata. Independentemente do grau de diferenciação do sistema social, do contingente de escravos e senhores, do ritmo de crescimento da produção para o mercado ou outros fatores, a comunidade está inegavelmente marcada por um sistema de castas” (IANNI, 1962, p.10).

Em descrição dos diversos ciclos de desenvolvimento de Curitiba e do Paraná, Ianni chega a afirmar que existiam: “evidências de que em 1767 os escravos perfaziam uma porcentagem da população total que se aproximava de 50% dos habitantes” (IANNI, 1962, p. 84). Na obra “As metamorfoses do escravo”, acima citada, o sociólogo, diferente dos autores anteriormente referenciados, utilizou referenciais teóricos, metodológicos e sociológicos, que o permitiram ir além em seus estudos, o que possibilitou que apresentasse referenciais estatísticos, comprovando a existência de escravos na capital paranaense.

Em meados dos séculos XIX, a chegada de colonos europeus no estado visando à substituição da mão de obra escrava e a consolidação da política de branqueamento, associados às altas taxas de mortalidade da população, em especial a negra, demonstram através de censos feitos na época, quedas vertiginosas da população negra. A tabela 1 na qual os dados foram extraídos da Dissertação de Mestrado intitulada DAS RELAÇÕES FAMILIARES DOS ESCRAVOS NO PARANÁ DO SÉCULO XIX, escrito por Teresinha Regina Buseti Pardo, possui algumas informações quanto aos óbitos registrados dos escravos.

TABELA 1 - QUADRO REGISTRO CIVIL DA POPULAÇÃO ESCRAVA DA PROVÍNCIA DO PARANÁ, ANO 1880.

<b>Paróquias</b>	<b>Batizados</b>	<b>Casamentos</b>	<b>Óbitos</b>
Curitiba	1.000	42	166
Morretes	259	31	154
Porto de Cima	107	48	50
Lapa	420	93	82
Palmeira	340	76	62
Antonina	343	30	125
Pirai	143	30	7
Castro	346	43	60
Guarapuava	229	62	94
Palmas	98	29	16
Iguaçu	178	21	29
Campo Largo	320	44	102
Votuverava	351	72	40
São José dos Pinhais	397	54	29
Serro Azul	147	60	35
Guaraqueçaba	128	45	65
Tibagi	176	33	0
Guaratuba	84	22	55
Ponta Grossa	224	53	0
<b>Total</b>	<b>5.290</b>	<b>888</b>	<b>1.171</b>

**Fonte:** Relatório apresentado a Assembleia Legislativa do Paraná, em 16 de fevereiro de 1881 pelo Presidente da Província, Dr. José Pedrosa. Jornal “Província do Paraná”. n.323, p.2. Apud: PARDO, 1993.

Segundo dados apresentados pelo jornal “Província do Paraná”, em 30 de novembro de 1882, a quantidade de escravos nesta época era de aproximadamente 8 mil, perfazendo um percentual de óbitos significativo entre os escravos.

Além dos índices de mortalidade é importante ressaltar que, a população mestiça para ser aceita socialmente definia-se como branca, pois “a medida que vai participando das ocupações ligadas ao mundo urbano, ele toma consciência da necessidade de branquear-se ainda mais” (IANNI, 1962, p. 197) para ser aceito.

De acordo com a tabela 2, elaborada a partir de dados extraídos do mesmo trabalho da tabela anterior, nota-se que o percentual de escravos em relação a população paranaense livre, realmente diminuía ao longo dos anos.

TABELA 2 – QUADRO DA POPULAÇÃO NA PROVÍNCIA DO PARANÁ, DIVIDIDA EM ESCRAVOS E LIVRES, ANOS DE 1854, 1858 E 1866.

Ano	Escravos	Livres	Percentual
1854	10.189	51.894	16,4%
1858	8.493	60.887	12,2%
1866	11.596	87.491	12%

**Fonte:** PARDO, B.R.T. *Das Relações Familiares dos Escravos no Paraná do Século XIX*. 1993.101f. Dissertação. Mestrado – Universidade Federal do Paraná, 1993.

De acordo com os dados apresentados, é possível afirmar que a escravidão no Paraná, embora muitas vezes invisibilizada, por autores, por políticas culturais, dentre outros fatores, existiu sim. Otavio Ianni (1962) observa ainda, que o comércio de escravos em Curitiba e no Paraná, a exemplo de vários lugares do Brasil, pode ser confirmado através de análise de jornais publicados na época, assim como, a legislação que estabelecia constante vigilância e punições severas aos escravizados.

A tabela 3 apresenta os índices quantitativos de escravos por regiões no Paraná, no ano de 1866, reafirmando a existência de escravidão no estado.

TABELA 3 – QUADRO GERAL DA POPULAÇÃO NA PROVÍNCIA DO PARANÁ, DIVIDIDOS EM CATIVOS E LIVRES, ANO 1866.

Municípios	Escravos	Livres
Guaraqueçaba	230	3.993
Guaratuba	196	2.140
Antonina	1.126	5.221
Morretes	560	2.779
Curitiba	1.086	12.541
São José dos Pinhais	769	5.376
Campo Largo	540	4.458
Palmeira	518	2.838
Iguaçu	125	2.440
Votuverava	203	4.670
Lapa	1.204	7.096
Rio Negro	114	3.417
Castro	1.111	5.043
Ponta Grossa	753	5.233

Jaguariaíva	622	2.004
Tibagi	585	2.349
Palmas	-	2.901
Porto de Cima	177	1.078
Guarapuava	576	1.156
Paranaguá	1.101	4.852
<b>Total</b>	<b>11.596</b>	<b>81.585</b>

**Fonte:** Relatório Apresentado pelo Presidente da Província, Dr. André A. Fleury, em 1866. Apud: PARDO, 1993.

A invisibilização da população negra não é identificada somente através de obras literárias que ocultam a presença do negro no estado do Paraná, mas, também por monumentos, bosques, ruas, que enaltecem a cultura europeia. Principalmente em nossa capital. Curitiba, que mesmo com dados que comprovam a existência de um número considerável de escravos negros no século XIX, conforme apresentado na tabela 1, e que de acordo com dados do IBGE - senso de 2010 possui aproximadamente 20% de sua população autodeclarada negra ou parda, pouco se vê nos principais monumentos referências a população negra.

## 2. CURITIBA A CAPITAL EUROPÉIA DO BRASIL

Fundada em 1693, Curitiba, que em Guarani quer dizer, muito Pinhão, se tornou a capital do Estado do Paraná em 1853, seu processo de desenvolvimento populacional teve origem com o tropeirismo e por meio de migrações iniciada por portugueses, espanhóis e outros grupos étnicos incluindo ciganos, judeus e africanos. Após este período, a Capital recebeu uma considerável quantidade de grupos imigrantes, na sua maioria europeia, como os, alemães, poloneses, ucranianos e italianos (WACHOWICZ, 1995; STECA e FLORES, 2002).

Com sua diversidade étnica, Curitiba, se desenvolveu ao longo dos anos e atualmente é conhecida como uma cidade organizada, bem planejada, limpa, politizada e cultural, e ainda, devido às etnias que povoam a cidade, é considerada a Capital Europeia do Brasil, (RIBEIRO e GARCIA, 1996) título este, que esteve e ainda se faz, presente nos discursos políticos, nas propagandas da Capital, transitando nacionalmente e internacionalmente. Fato positivo ou não, o que se nota por meio, da construção de tantos memoriais, parques, bosques, propagandas, programas de governo, voltados as etnias europeias, é a invisibilização do negro na capital paranaense.

Nos anos 90, os governantes atuaram fortemente em projetos educacionais, por meio da rede municipal de ensino, a fim de divulgar Curitiba como a Cidade “palco da diversidade étnica”. Dentre estes projetos pode-se citar, farol-do-saber, reedição de obras de autores Paranistas, citados anteriormente neste trabalho, e publicação da cartilha Lições Curitibanas. De acordo com Souza (2003, p.147):

[...] tais ideais corroboraram para a construção de uma ideia assentada numa “democracia racial” firmada num discurso plurirracial pelo “poder local”, segundo o qual existiria uma harmonia racial entre todos os indivíduos, mas com características singulares daquelas construídas na vertente brasileira.

Embora o governo tenha apresentado uma campanha que visava expor a cidade com uma democracia plurirracial, o que se observava por meio da arquitetura, construções, parques, memórias e inclusive dos projetos, era invisibilização da

população negra, e das demais etnias que fizeram parte da colonização da cidade. Com tantas homenagens e políticas que ressaltavam a importância dos imigrantes, pode-se dizer que a população curitibana, absorvia as homenagens sem notar, a importância dos demais povos ali presentes. Conforme a professora e mestre em educação, Janislei Aparecida Albuquerque 2004:

A invisibilização da população negra na cidade se constitui numa marca histórica do Estado e do seu relato, como também da Capital. Isto se dá tanto através de documentos oficiais como das homenagens étnicas representadas por parques, bosques, portais e outras formas arquitetônicas que reiteram a importância dos imigrantes europeus, silenciando sobre outros grupos que desde o início da colonização fizeram parte da construção da base econômica e cultural de nosso Estado.

As principais características desta invisibilização podem ser notadas ao longo de três importantes períodos: “O primeiro diz respeito ao entendimento de como se formou ideologicamente na cidade de Curitiba e no Estado a ideia da não presença negra na história do Paraná, sobretudo a partir de historiadores regionalistas” (SOUZA, 2003, p.54); onde, membros do Movimento Paranismo, objetivavam construir uma história para estado do Paraná pautada na criação de alguns símbolos, bem como, valorizar a presença do imigrante, em especial o europeu, como um diferencial positivo para o desenvolvimento do território, ocultando a presença de negros e escravos, conforme apresentado no início deste trabalho, no capítulo sobre A Formação da Identidade Paranaense: O Movimento Paranismo.

Um segundo momento iniciado em 1970, conforme aponta Albuquerque, Curitiba se tornou:

[...] “cidade-espetáculo”, uma cidade-marca, uma cidade-que-se-vende. Dentro desta estratégia de transformar a Capital do Paraíso na vitrine do regime militar, encontramos o desenvolvimento e a implementação de um plano urbanístico que teve como referência explícita, soluções urbanas e arquitetônicas de matrizes europeias e um certo modelo europeu de ordem e civilidade permeiam as imagens e os discursos sobre a cidade que a propaganda oficial dissemina nacional e internacionalmente.

Ficando claro que o modelo de desenvolvimento urbano a ser seguido, teve como principal inspiração o então admirado modelo europeu.

E o terceiro momento, a partir da produção das obras didáticas *Lições Curitibanas*, distribuídas nos anos 1990 pela Prefeitura Municipal de Curitiba “[...] na

reprodução e na consolidação de uma “imagem” histórica e atualmente europeizada, mas, num discurso plurirracial e democrático, mas que privilegia, na verdade, somente alguns grupos e desconsidera outros” (Souza, 2003, p.54). Nestas cartilhas resgatam-se principalmente trechos de obras de autores do Paranismo, que valorizavam intensamente a participação dos imigrantes europeus para o desenvolvimento desta região.

Importante frisar que o tratamento de invisibilidade dado a poluição negra curitibana, não é uma particularidade nacional. Analisando os processos de construção de identidades dos também estados da região sul, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, este fato foi percebido. Neste sentido pode-se citar o trabalho de Elenice Hoffmann Klippel, *O gaúcho e o forasteiro: relações de oposição na construção da identidade sul-rio-grandense*, onde a autora percebe o processo de formação da identidade rio-grandense como uma busca em impor a cultura tradicional gauchesca sobre as demais, supervalorizando assim esta identidade em detrimento cultura do imigrante de origem europeia, a cultura indígenas e particularmente dos negros.

No caso de Santa Catarina, foi possível observar através do estudo desenvolvido por Marcos Juvencio de Moraes “*A Construção da Identidade Catarinense e a Formação do Litoral Açoriano*” que a iniciativa pioneira em construir uma identidade Catarinense surgiu a partir da fundação em 1838 do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (IHGSC), que deste período até meados dos anos 1980-1990 os integrantes deste instituto buscaram através da produção de vasto material literário e iconográfico ressaltar a influência açoriana para a formação cultural do estado. A partir de 1990 este movimento ganha nova roupagem, intitulado “catarinensismo”, buscou-se valorizar a presença de diferentes povos a construção do estado, em especial italianos e principalmente alemães.

Com estes dois exemplos, podemos notar que a necessidade em construir uma identidade regional que excluí a população negra do processo, fez parte do ideário intelectual e governamental de diferentes estados brasileiros, a particularidade que esta pesquisa pode examinar refere-se ao impacto que o movimento Paranismo tem sobre o imaginário da população local, ou seja sobre a forma população curitibana vê a contribuição étnica negra a formação da cidade.

## 2.1 CURITIBA: A CIDADE QUE SE VENDE

A partir dos anos 1970, Curitiba aparece como uma “cidade-espetáculo”, expressão cunhada pela professora Fernanda Sanchez, em sua obra, Cidade espetáculo, política e citymarketing, publicado em 1997. Segundo consta, o projeto governamental do período consistia em reafirmar a identidade europeia e transformar a Capital na vitrine do regime militar, para isso o plano urbanístico recebeu como referência explícita, soluções urbanas e arquitetônicas de matrizes europeias:

“A Rua 24 Horas como, espaço de galeria “relembra as antigas galerias francesas do século XIX”; o Jardim botânico remete aos “antigos palácios de cristal ingleses” e a Ópera de Arame” é uma reinterpretação das edificações clássicas “como a Ópera de Paris”. A referência às matrizes europeias, como se pode verificar, também se constitui em elo entre os três casos. A colagem destas referências torna-se importante como recurso para a construção da nova imagem da “cidade de Primeiro Mundo”. (SÁNCHEZ, 1997, p.64).

Ainda neste sentido, um modelo europeu de civilidade passou a integrar imagens e os discursos propagandeados nacional e internacionalmente sobre a cidade, afirmando-se que o modelo de planejamento urbanístico de Curitiba deu certo, devido a população de etnia europeia, como é ressaltado pela autora.

“Um povo civilizado, povo preparado para a disciplina com a qual se identificou”, “cidade europeia e branca – população constituída por etnias europeias”, “população rica”. Estas representações identificadas no senso comum são, porém, sutilmente reforçadas e intensificadas na própria construção oficial da imagem de Curitiba e no discurso explicativo do sucesso da experiência de planejamento implantado como, por exemplo, a exaltação da presença de etnias europeias na composição social da cidade civilizada, onde sempre houve, através delas, tradição de trabalho, ordem e progresso social”. (SÁNCHEZ, 1997, P.69).

A invisibilização da população negra, foi reforçada ao longo dos anos através da utilização intensa pelas camadas médias da população, dos espaços de lazer, arte e cultura oferecidos na cidade. A partir disto, “estabelece-se uma relação entre o mundo vivido e o mundo possível, em que uma atribuição de sentido ao mundo possível depende da correspondência com elementos do mundo vivido.” (ALBUQUERQUE,

2004, p. 05), ou seja, a imagem construída do que é ser curitibano, se encaixa as imagens étnicas e arquitetônicas escolhidas para representar os vários povos de origem europeia, que no máximo, considera os japoneses neste processo que alguns historiadores regionalistas chamam de “xadrez-étnico”. (W.MATINS, 1995).

De acordo com Marcilene Garcia de Souza e Pedro R. Bodê de Moraes, no artigo intitulado: “Invisibilidade, Preconceito e violência racial em Curitiba”, as únicas obras que fazem referência à população negra na cidade de Curitiba, são: um bloco de granito na Praça Santos Andrade e a Praça Zumbi dos Palmares no bairro do Pinheirinho, no entanto, ao acessar o site do Instituto Municipal de Turismo da Prefeitura de Curitiba, disponível em <http://www.turismo.curitiba.pr.gov.br>, acessado em 02 de março de 2013, não é possível identificar nas referências aos pontos turísticos (praças, bosques, monumentos.), cultura, nenhuma menção às únicas obras que referenciam a população negra. De acordo com os autores referenciados neste paragrafo, ainda, na mesma obra, citam que estas obras são de pequena visibilidade, pois, uma fica em um canto da Praça Santos Andrade de difícil leitura e o outra localizada no bairro Pinheirinho, em uma área periférica, não fazendo parte de nenhum circuito ou roteiro cultural ou comemorativo da cidade.

Nota-se que o mesmo não acontece em outras capitais que também possuem uma percentual menor de negros, como por exemplo, a cidade de Porto Alegre que possui uma população afrodescendente menor que a Curitibana, cerca de 17% da população autodeclarada negra ou parda, dispõe do Museu de Percurso do Negro em Porto Alegre, um projeto que busca visibilizar a comunidade afro-brasileira com a construção de obras de arte em espaços públicos da cidade. Além disso, o Museu possui um roteiro pela cidade, passando por aproximadamente 8 pontos turísticos, que fazem parte da história escravagista do município. Pode-se citar também, a Cidade de São Paulo, que embora tenha um número considerável de habitantes negros, quando comparada com a população total, o percentual composto pela população afrodescendente é de aproximadamente 27%. São Paulo que além de dispor do museu Afrobrasil, localizado em um dos seus principais parques, o Ibirapuera, contempla nos roteiros culturais disponíveis no site da Prefeitura da Cidade, um roteiro afro, que passa por mais de 20 pontos turísticos resgatando a memória afrodescendente.

Neste sentido, pode-se afirmar que em meio aos diversos bosques, parques, portais, estátuas e monumentos que homenageiam os imigrantes brancos europeus e japoneses e seus descendentes espalhadas por toda a cidade de Curitiba, as únicas obras dedicadas aos negros, não são reconhecidas com tal importância.

### 2.3 POLITICA EDUCACIONAL DE INVISIBILIZAÇÃO: AS LIÇÕES CURITIBANAS

No campo educacional foi possível verificar que principalmente durante o governo de Rafael Greca (1992-1996) houve ressurgimento do Movimento Paranismo através da reedição de clássicos do movimento, em especial as obras de Romário Martins, bem como, através da publicação dos livros didáticos *Lições Curitibanas*, distribuídos pela rede municipal de educação de Curitiba em meados dos anos 1990 e também o jornal infantil *Curitibinha* que circulou nas escolas entre os anos 1995-2000. Estas obras foram produzidas com diversas ilustrações que remetem aos símbolos paranistas (pinhas, pinheiros, a erva mate, a Gralha azul...) e divulgaram conteúdos exaltados por este movimento.

Nas obras *Lições Curitibanas*, a história de Curitiba é contada privilegiando e seguindo um roteiro relativo aos projetos arquitetônicos da cidade, como no trecho:

Os portais sempre fizeram parte da história de Curitiba, mantendo viva a memória da cidade. (...)

... Muitos deles registram a presença dos imigrantes europeus e asiáticos que aqui encontraram aconchego e que, com suas tradições, contribuíram para a formação de um verdadeiro mosaico de hábitos, costumes, valores e crenças.

Isso faz uma Curitiba diferente. É a cidade homenageando de maneira significativa italianos, alemães, poloneses, ucranianos, japoneses e tantas outras etnias que constituem seu povo.

Assim, os portais são uma forma de demonstrar gratidão e reconhecimento àqueles que ajudaram a transformar a Curitiba de ontem na metrópole de hoje. (CURITIBA apud MORAES e SOUZA, 1999, p. 13).

Neste trecho e outros desta obra, nota-se a valorização da pluralidade étnica da cidade. No entanto, é possível notar o esquecimento da população negra, haja vista, sua ausência nos festivais étnicos, praças, bosques e portais que homenageiam os imigrantes europeus e japoneses como os únicos formadores da história da cidade.

Esta coleção certamente funcionou, como um mecanismo eficaz ao formular na cabeça de crianças e jovens da rede municipal de ensino o ideário de que Curitiba seria a “capital de todos os povos” “capital europeia” do Brasil.

Merece destaque também, neste processo educacional de formulação ideária dos estudantes curitibanos, o Jornal Curitibinha, que através de textos e atividades faz toda uma rememoração de artistas e obras paranaenses, excluindo na maioria das vezes autores que criticavam a organização e jeito de ser curitibano como Paulo Leminski e Dalton Trevisan. Uma explicação possível para este fato foi identificada por Valeria Milena Rohrich Ferreira e Evellyn Bernardo Rodrigues Romano (2008): talvez os autores dos jornais imaginassem, seguindo a tendência do movimento Escola Nova, ainda em voga na época, que propõe um currículo partindo do universo infantil, a compreensão das obras, sem a conexão com autores que criticassem a cidade tornaria a assimilação dos textos e imagens mais acessíveis à idade dos jovens, outra explicação sugerida pelas autoras é que houve intencionalidade em privilegiar autores do movimento Paranista.

Deste modo, é possível verificar que a exemplo dos historiadores e artistas do Movimento Paranista, que almejavam criar uma identidade paranaense excludente, passando pelo projeto arquitetônico da cidade iniciado no auge do regime militar, bem como as políticas educacionais do município de Curitiba, privilegiaram a multiplicidade étnica europeia e em alguns casos a japonesa, em detrimento a negra.

### 3. REFLEXOS DA INVISIBILIZAÇÃO DO NEGRO NA MEMÓRIA DOS JOVENS CURITIBANOS

Afim de verificar se o processo de invisibilização do negro da cidade de Curitiba refletiu de alguma forma na população, analisamos dois trabalhos de diferentes professores, o primeiro Intitulado: CURITIBA: CONSCIÊNCIA HISTÓRICA DE JOVENS ESCOLARIZADOS E IDENTIDADES. Escrito pelo Mestre Geysy Donglay Germinari.

O Segundo: INVISIBILIDADE CULTURAL AFRICANA E ÍNDIGINA EM CURITIBA, escrito pelo professor de História, Geraldo Becker. Ambos possuem pesquisas voltadas a alunos da rede de ensino pública.

O primeiro trabalho foi realizado com base na pesquisa empírica que contou com a participação de 126 jovens. (GERMINARI,2011, p.09) *Sendo que destes 89 nasceram em Curitiba; 87 cursaram as séries iniciais do ensino fundamental na rede pública de ensino do próprio município e 2 realizaram seus estudos na rede privada. Por outro lado, 37 nasceram em outras cidades, porém, 23 estudaram as séries iniciais do Ensino Fundamental na rede pública do município de Curitiba e 14 cursaram as séries iniciais em redes públicas de outras cidades. Portanto a amostra total, 110 estudaram as series inicial na rede pública do município de Curitiba. No que se refere aos conteúdos de história aprendidos nas séries iniciais do ensino fundamental, os jovens responderam a seguinte questão: O que você aprendeu sobre a história de Curitiba quando cursou o ensino fundamental?*

Considerando que as respostas foram fragmentadas, com base no conceito teórico de Peter Lee<sup>1</sup>, o autor sistematizou no quadro 1, os conceitos substantivos presentes nas respostas e quantitativo de vezes que foram indicadas.

#### QUADRO 1 – CONTEÚDO SUBSTANTIVO DA HISTÓRIA DE CURITIBA INDICADO PELOS JOVENS.

MAIS INDICADO	MEDIAMENTE INDICADO	POUCO INDICADO
---------------	---------------------	----------------

<sup>1</sup> Segundo Peter Lee, os conceitos de segunda ordem, como mudança história, evidência e narrativa. Estão envolvidos em qualquer história, independente do conteúdo, mas, Outros conceitos como comercio, nação, protestante. Escravo, tratado ou presidente, são encontrados quando lidamos com tipos particulares de conteúdos históricos. Eles são parte do que podemos chamar de substância da História, e então é natural chamá-los de *conceitos substantivos*. Tais conceitos pertencem a muitos tipos de diferentes de atividade humana – econômica, política, social e cultural. (LEE,2006, p.28)

Imigrantes <sup>2</sup>	10	História do Bairros	3	Nome da Cidade	2
Fundação da Cidade	8	Cidade Ecológica	3	Colonização	1
Pontos Turísticos <sup>3</sup>	6	Simbologia	3	Tropeirismo	1
População	6	Escravidão	3	Cidade Histórica	1
Transporte Coletivo	6	Cultura da Cidade	3	Helena Kolody	1
Política	5			Estrada de Terra	1
Índios	4				
Parques	4				
Qualidade de vida	4				
Museu	4				

Fonte: GERMINARI, D. G. **CURITIBA: Consciência Histórica de Jovens Escolarizados e Identidades**. 2011. 15f. Artigo apresentado no IX Encontro Nacional de Pesquisadores de Ensino de História – Florianópolis – SC. 2011.

O autor cita a resposta de uma jovem de 18 anos, que faz menção aos monumentos que a Cidade de Curitiba possui e as culturas presentes. Nota-se que a cultura afro, não é citada:

*“Não me lembro muito, mas, a História de Curitiba...é muito antiga tinha outras culturas, no tempo tinha mais agricultores vindo de outros como italianos, alemães, ucranianos, considerados grandes colaboradores para o crescimento da nossa Curitiba muitos deles levam o nome de praças, como do alemão, da ucrânia, do Japão, etc.” (GERMINARI, 2011, p.11)*

Em relação ao quadro apresentado, nota-se que a maioria dos estudantes relaciona a história da cidade aos imigrantes europeus, aos pontos turísticos que possuem características européias, e ainda, que, há apenas três citações que referenciam a existência de escravidão na cidade. Neste sentido Germinari ressalta que (GERMINARI, 2011, p.11):

*“A observação dos dados (com exceção da resposta dada pelo jovem Carlos<sup>4</sup>) aponta para uma forte proximidade entre o tipo de passado apreendido pelos jovens na escola fundamental com o passado, contado*

<sup>2</sup> Grupos imigrantes citados: Italianos, alemães, ucranianos, japoneses e eslavos.

<sup>3</sup> Pontos turísticos mencionados: Jardim Botânico, Ópera de Arame, Passeio Público.

<sup>4</sup> Único aluno que realizou uma resposta melhor estruturada, citando inclusive a escravidão.

*pela administração pública, como estratégia política de consolidar um determinado projeto de cidade, identificado com o discurso da cidade-modelo. A relação pode ser percebida quando os jovens acessam prioritariamente um passado da cidade formado pela presença do imigrante europeu.”*

Além de observar que os jovens acessam prioritariamente o passado da cidade formado pela presença de imigrantes europeus o autor conclui (GERMINARI, 2011, p.11):

*Esta forma de os jovens acessarem o passado da cidade é influenciada, em certa medida, pelo processo da escolarização. No estudo principal, constatei que 126 jovens que participaram da investigação, 110 estudaram as séries iniciais na rede pública do município de Curitiba e apenas 14 estudaram em redes públicas de outras cidades. Além, destes dados, a tese de doutorado de Ferreira (2008) demonstrou que na década de 1990 (período em que os sujeitos da investigação cursaram as séries iniciais na rede municipal de ensino de Curitiba). Havia uma relação direta entre o projeto oficial de cidade e a proposta curricular cumpriu a função de reforçar as ideias da cidade-modelo de urbanização e qualidade de vida. muito mais do que questionar a cidade e o modo de vida curitibano. Ferreira (2008) ainda apontou a importância da coleção dos livros “Lições Curitibanas” na vinculação de conteúdos históricos, que tinha a clara intenção de promover a relação entre a história curitibana e o projeto de cidade-modelo.*

Neste sentido, nota-se que de acordo com a conclusão do autor em sua pesquisa o projeto lições curitibanas, citado no capítulo anterior deste trabalho, teve impacto na formação da identidade de Curitiba para os jovens das escolas públicas. Projeto que relacionava a arquitetura da Cidade, bem como, as políticas educacionais do município de Curitiba, a cidade-modelo, a identidade e cultura da cidade, privilegiando as etnias européias, em alguns casos a japonesa e ocultando a negra.

O segundo trabalho é composto por uma amostra quantitativa menor de alunos para análise, apenas 36, sendo todos do ensino médio de escola pública. A narrativa dos alunos é baseada na sugestão do professor: *“Faça de conta que você está na*

*internet conversando com um (a) jovem de sua idade que mora em fortaleza, conte para ele(a) a história da fundação de Curitiba.*” (Becker, 2011, p.2).

Este segundo trabalho também teve os resultados categorizados e de acordo com o autor (Becker, 2011, p.2). “Dos 36 alunos, 22 destacaram tropeirismo e imigração européia (a maioria das narrativas faz referências principalmente aos imigrantes oriundos da Europa Central) como responsáveis, 06 mencionaram a existência de índios e 08 entregaram a questão em branco.”

Nota-se no resultado apresentado, a ausência da população negra e a referência a escravidão, observasse ainda, que a maioria dos alunos faz menção aos imigrantes europeus. Becker ressalta que (Becker, 2011, p.2):

“ Após a leitura das narrativas e a categorização, um fato que chamou a atenção foi a ausência da população negra na história de Curitiba, pois, em nenhuma das narrativas realizadas pelos alunos foi mencionada a contribuição ou presença do negro ocultando a escravidão que não é mencionada pelos alunos e papel deste grupo étnico na formação econômica, social e cultural da região....Demonstrando no grupo investigado uma identidade e memória histórica que foi construída a partir da valorização do tropeirismo e da imigração europeia.

Em ambas as pesquisas, é notória a ausência da participação da população negra, na memória dos jovens Curitibanos quando se fala na história da Cidade. Percebe-se que as políticas de governos que lançavam Curitiba como a Cidade Modelo, que implantou projetos culturais e educacionais como o farol do saber, lições curitibanas, jornal curitibinha, dentre outros, que realizou a construção de parques, bosques, praças, monumentos em homenagem aos imigrantes, que como é sabido tanto contribuíram para construção da cidade-modelo, deixaram de lado a contribuição da população negra, população esta que conforme tabela x representa aproximadamente 20% da população da cidade.

TABELA 4 – POPULAÇÃO SENSITÁRIA SEGUNDO COR/RAÇA – 2010

COR / RAÇA	POPULAÇÃO
Branca	1.381.938
Preta	49.978
Amarela	23.138
Parda	294.127
Indígena	2.693
Sem declaração da cor / raça	33
<b>TOTAL</b>	<b>1.751.907</b>

Fonte: IPARDES – **Caderno estatístico no Município de Curitiba**. Disponível em: <http://www.ipardes.gov.br/cadernos/Montapdf.php?Municipio=80000>. Acessado em: 01.mar.2013.

Uma fatia que representa mais de 300 mil habitantes autodeclarados negros ou pardos. Sendo que possivelmente, se considerarmos as pesquisas analisadas, muitos destes não consigam mensurar qual foi a participação de sua etnia para com a construção desta cidade. Vale ressaltar que de acordo com IANNI em meados do século 19 haviam “evidencias de que em 1767 os escravos perfaziam uma porcentagem da população total que se aproximava de 50% dos habitantes” (IANNI, 1962, p. 84).

E ainda, para desenhar um quadro mais esclarecedor dos escravos e das atividades deste grupo em Curitiba, Altiva Pilatti Balhana traz informações importantes sobre a ocupação dos habitantes curitibanos no ano de 1822, (BALHANA1972, p.18-19):

“No ano de 1822: 12 indivíduos compõem o Corpo Militar; 13 homens magistrados e empregados civis; 8 clérigos seculares; 296 agricultores; 582 lavradores; 48 negociantes; 282 jornaleiros; 13 artistas; 26 arrieiros; 655 escravos e 685 escravas; 420 pobres, mendigos e vadios.” Ou seja, a população de Curitiba era de 3040 pessoas, sendo que destes 1340, eram escravos, que perfazia o percentual de pouco mais de 44% da população composta por escravos.

Considera-se que esta é uma “fatia” importante da população Curitibana que contribui e fez parte da história desta cidade para ser invisibilidade e esquecida na memória de tantos.

## CONCLUSÃO

Com o fim da escravidão, o negro não desapareceu de Curitiba, continuou aqui. No entanto, tornou-se invisível para o poder público, prova disso são os espaços escassos e monumentos dedicados a ele e os conteúdos dos materiais escolares da cidade. As políticas públicas que invisibilizaram a população negra nesta cidade, são notórias, basta caminhar de um lado a outro da cidade para observar os diversos monumentos, que homenageiam os imigrantes, em destaque os europeus, como o bosque do Alemão, Praça da Ucrânia, Bosque do papa, os portais. Vale citar novamente Sanchez, que explica alguns dos principais pontos turísticos da cidade.

“A Rua 24 Horas como, espaço de galeria “relembra as antigas galerias francesas do século XIX”; o Jardim botânico remete aos “antigos palácios de cristal ingleses” e a Ópera de Arame” é uma reinterpretação das edificações clássicas “como a Ópera de Paris”. A referência às matrizes européias, como se pode verificar, também se constitui em elo entre os três casos. A colagem destas referências torna-se importante como recurso para a construção da nova imagem da “cidade de Primeiro Mundo”. (SÁNCHEZ, 1997, p.64).

Quando se fala em cidade de primeiro mundo, recorda-se que existiram campanhas governamentais para “lançar” Curitiba como uma cidade modelo. Conforme mencionado no capítulo 2.1 deste trabalho, Curitiba a Cidade que se vende, a “Cidade-Espetáculo”, com pessoas civilizadas, uma cidade limpa, cidade europeia e branca. Para melhor compreender cito Sanchez novamente:

““Um povo civilizado, povo preparado para a disciplina com a qual se identificou”, “cidade europeia e branca – população constituída por etnias europeias”, “população rica”. Estas representações identificadas no senso comum são, porém, sutilmente reforçadas e intensificadas na própria construção oficial da imagem de Curitiba e no discurso explicativo do sucesso da experiência de planejamento implantado como, por exemplo, a exaltação da presença de etnias europeias na composição social da cidade civilizada, onde sempre houve, através delas, tradição de trabalho, ordem e progresso social”. (SÁNCHEZ, 1997, P.69).

Exaltando sempre o modelo europeu, suas políticas públicas que ressaltam ainda, o plano de desenvolvimento urbanístico da cidade iniciado nos anos 70 que

fazem menção ao modelo europeu, que de acordo com Albuquerque “encontramos o desenvolvimento e a implementação de um plano urbanístico que teve como referência explícita, soluções urbanas e arquitetônicas de matrizes européias e um certo modelo europeu de ordem e civilidade permeiam as imagens e os discursos sobre a cidade que a propaganda oficial dissemina nacional e internacionalmente”.

Ainda no plano urbanístico, se comparada com Cidades como Porto Alegre e São Paulo, que possuem percentuais próximos ao de Curitiba no que se refere a população afrodescendente, nota-se que Curitiba permanece ocultando a cultura afro. Enquanto as demais cidades possuem museus e roteiros afro, a capital paranaense, possui apenas uma praça e uma placa, sem muita visibilidade, que prestam homenagem a população negra.

Vale ressaltar também, as políticas educacionais, como a revisão de obras dos autores paranistas, autores estes que tinham como objetivo criar uma, identidade ao Estado do Paraná e em meio a esta criação ocultaram a existência da população negra, ou afirmaram conforme Romário Martins (1952) e Wilson Martins (1999) e posteriormente Ruy Wachowicz (1995), que a presença desta população foi mínima.

Em análise as pesquisas realizadas com alunos da rede estadual de ensino, que cursaram de primeira a quarta série nas escolas municipais, quando questionados em relação a história da Cidade de Curitiba, a grande maioria não citou a presença de negros e escravos, mas, a maioria citou a presença do imigrante, em especial o europeu, conforme mencionado no capítulo 3, e pelos próprios autores das pesquisas.

Com base nestas pesquisas, torna-se mais afirmativo que as políticas públicas contribuíram para que a população acreditasse em uma cidade constituída por imigrantes europeus, por tendências europeias, em uma população branca.

A cidade que em meados do século 19 possuía mais de 44% de sua população composta por negros escravos, que atualmente possui mais de 300 mil habitantes autodeclarados negros ou pardos, a Capital com maior percentual de população negra do sul do país, conforme mencionado no capítulo 1, invisibilizou esta população para divulgar uma Cidade Modelo, como exemplo pode-se dizer, que negar ou invisibilizar a população negra em Curitiba, tratasse de um incoerência produzida a fim de construir um projeto de “identidade curitibana”, do qual o negro, não podia fazer parte.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, J. A. **O Racismo silencioso em escolas públicas de Curitiba: Imaginário, Poder e Exclusão social.** Dissertação de Mestrado em Educação – Universidade Federal do Paraná, 2003.

\_\_\_\_\_. **Nos bastidores de Curitiba: As arquiteturas do discurso da contradição.** Disponível em:

[http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2002/Educacao,\\_cidadania\\_e\\_intercultura/Mesa\\_Redonda/01\\_11\\_04\\_m35-79.pdf](http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2002/Educacao,_cidadania_e_intercultura/Mesa_Redonda/01_11_04_m35-79.pdf). Acessado em: 10 de Novembro de 2012.

\_\_\_\_\_. **O Racismo Silencioso em Escolas Públicas de Curitiba: Planejamento Urbano, Poder e Exclusão Social.** Disponível:

<http://www.rizoma.ufsc.br/pdfs/305-of10a-st1.pdf>. Acessado em: 20 de Novembro de 2012.

IBGE – **Censo demográfico 2010.** Disponível em:

[ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo\\_Demografico\\_2010/Caracteristicas\\_Gerais\\_Religiao\\_Deficiencia/caracteristicas\\_religiao\\_deficiencia.pdf](ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Caracteristicas_Gerais_Religiao_Deficiencia/caracteristicas_religiao_deficiencia.pdf). Acessado em: 10 de janeiro de 2013.

BALHANA, A. P. –**Estruturas populacionais do paraná no ano da independência. Paraná – 1822.** Boletim n. 19. Universidade Federal do Paraná: 1972.

BECKER.G. – **invisibilidade cultural africana e indigena em curitiba.** 2011.7f.Artigo apresentado no IX Encontro Nacional de Pesquisadores de Ensino de História – Florianópolis – SC. 2011.

FERREIRA, Valéria M. R. e ROMANO, Evellyn B. R. – **Literatura outsider para uma Cidade estabelecida: A influência do campo literário e o campo curricular na construo do projeto da cidade de Curitiba na década de 1990 e Incio do século XXI.** In Revista Linguas & Letras. vol. 12 n 23. UNIOESTE: 2011.

GARCIA DE SOUZA, Marcilene. – **O Papel das Lioes Curitibaanas na Produo da Invisibilidade do Negro em Curitiba.** Monografia de Conclusão do Bacharelado em Ciências Sociais no Departamento de Ciências Sociais, do Setor de Humanas, Letras e Artes da UFPR. 1999.

GARCIA, Fernanda ster Sanches,. – **Cidade espetáculo: política, planejamento e city marketing.** Curitiba: Palavra, 1997.

GERMINARI.D.G. – **CURITIBA: Consciência Histórica de Jovens Escolarizados e Identidades.**2011.15f. Artigo apresentado no IX Encontro Nacional de Pesquisadores de Ensino de História – Florianópolis – SC. 2011.

IANNI, Octavio. – **As Metamorfoses do Escravo: apogeu e crise da Escravatura no Brasil Meridional.** 2 edio. São Paulo: Hucitec Curitiba: Scientia estrutura Labor, 1988.

INTITUTO MUNICIPAL DE TURISMO. – **Pontos Turísticos.** Disponível em <<http://www.turismo.curitiba.pr.gov.br>>, acessado em 02 de março de 2013.

IPARDES – **Caderno estatístico no Município de Curitiba.** Disponível em: <http://www.ipardes.gov.br/cadernos/Montapdf.php?Municipio=80000>. Acessado em: 01.mar.2013.

KLIPPEL , Elenice Hoffmann – **O gaúcho e o forasteiro: relaoes de oposio na construo da identidade sul-rio-grandense.** Disponivel em: <http://www.facos.edu.br/old/galeria/118102011051639.pdf>. Acessado em: 28. Jun.2013

- LEE, P. – **Em direção a um conceito de litrúcea histórica**. Educar em revista. Curitiba. p.150.2006.
- MARTINS, Romário. – **História do Paraná**. 3ª. Edição. São Paulo: Editora Guairá 1952.
- \_\_\_\_\_. **Paranista. A divulgação**. Curitiba. 1946. pg.
- MARTINS, Wilson – **A Invenção do Paraná: estudo sobre a presidência Zacarias de Góes e Vasconcelos**. Curitiba: Imprensa Oficial, 1999
- MARTINS, Wilson – **Um Brasil diferente: ensaio sobre o fenômeno de aculturação no Paraná**. 2a. edição, São Paulo: T.A. Queiroz, 1989.
- MORAES, Pedro R. Bodê & GARCIA DE SOUZA, Marcilene. – **Invisibilidade, Preconceito e Violência Racial em Curitiba** in Revista de Sociologia e Política: *Cidadania e Violência*. No. 13, UFPR 1999.
- MORAES, Marcos Juvencio – **A construção da identidade catarinense e a formação do litoral açoriano** in Oficina do Historiador, Porto Alegre, EDIPUCRS, v.2, n.1, dezembro-2010
- PARDO.B.R.T. – **Das relações familiares dos escravos no Paraná do Século XIX**. Dissertação de Mestrado em História. Universidade Federal do Paraná. 1993.
- OLIVEIRA, Dennison de – **Curitiba e o Mito da cidade modelo**. Curitiba: Ed. Da UFPR. 2000.
- PEREIRA, Luís Fernando Lopes – **Paranismo: Cultura e Imaginário no Paraná da I República**. Dissertação de Mestrado, apresentada aos Cursos de Pós-Graduação em História, Linha História das Ideias, UFPR, 1996.
- RIBEIRO, Ana C. T. GARCIA, Fernanda S. – **City Marketing: a nova fase da gestão da cidade no final do século**. In. REIS, E.; ALMEIDA, M. H. T.; FRY, P (org.). Política e Cultura: visões do passado e Perspectivas Contemporâneas. São Paulo. Hucitec/ANPOCS, 1996.
- SOUZA, Nelson Rosário de – Planejamento Urbano em Curitiba: Saber Técnico, Classificados dos Cidadinos e Partilha da Cidade. In **Revista de Sociologia Política**.
- SZVARÇA, D. R. **O forjador: Ruínas de um mito**. Romário Martins. Curitiba: Aos quatro ventos. 1998.
- WACHOWICZ, Ruy Christovam – **História do Paraná**. 7ª ed. Curitiba: Editora Gráfica Vicentina Ltda, 1995.